

Herança e conquista: como respondemos, na atualidade, ao legado teórico-clínico de Freud e Lacan¹

*Heritage and achievement: how should we respond
today to the legacy of Freud and Lacan?*

Jurandir Freire Costa*
Pedro Heliodoro**

Resumo

O debate faz parte de uma tentativa de fazer um pouco o exercício do estado da arte, e onde a psicanálise se encontra agora com a emergência de coisas novas no campo cultural como a voz ativa das identidades subalternizadas – o novo problema cultural que a psicanálise também tomou para si, como não podia deixar de ser e como é característico de sua história. É um esforço nosso para tentar continuar no diapasão, em sintonia com a cultura e ser analista do presente como foi Freud na época da Viena do fim do império austro-húngaro e como foi Lacan naquela outra efervescência da Paris dos anos 60. Esse é o grande desafio que a psicanálise tem desde Freud, a fidelidade à heresia e a conversa responsável com demandas sociais que foram encobertas ao longo dos séculos e que hoje são de alguma maneira descortinados.

Palavras-chave: Freud. Cultura. Espectros do Inconsciente. Heresia. Herança. Conquista.

1. Nota do Editor: O presente texto é resultado da transcrição da Conferência de Abertura dos trabalhos de 2026 do CPRJ que aconteceu na sede da instituição no dia 28 de fevereiro. Os textos foram revistos pelos autores (Pedro Heliodoro e Jurandir Freire Costa). Para manter o clima da reunião – um colóquio franco e profícuo, seriamente informal – optamos pela publicação das duas intervenções como se fosse um artigo único com duas seções, em que uma questão bem sustentada aciona uma resposta estimulante. Os possíveis *deficits* em relação aos parâmetros rígidos de uma publicação acadêmica são positivamente compensados por meio dessa opção.

* Psiquiatra, psicanalista. Membro Efetivo do Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro (CPRJ). Professor do Instituto de Medicina Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (IMS/ UERJ). Rio de Janeiro, RJ, Brasil. freirecostaj@gmail.com

** Psicanalista e germanista. Coordenador de tradução da coleção Obras Incompletas de Sigmund Freud, da editora Autêntica. Doutor em Psicanálise e Psicopatologia pela Universidade de Paris 7. Pós-doutor em Estudos Culturais pelo Centro Livres de Pesquisa Literária e Cultural de Berlim. Foi professor na Universidade de São Paulo (USP) e na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). phtava@gmail.com

Abstract

The debate is part of an attempt to somewhat assess the state of the art, and where psychoanalysis finds itself now with the emergence of new things in the cultural field, such as the active voice of subaltern identities, the new cultural problem that psychoanalysis has also taken on, as it could not fail to do and as is characteristic of its history. It is our effort to try to stay in tune, in harmony with the culture, and to be an analyst of the present, as Freud was in Vienna at the end of the Austro-Hungarian Empire, and as Lacan was in that other effervescence of Paris in the 1960s. This is the great challenge that psychoanalysis has faced since Freud: fidelity to heresy and responsible conversation with social demands that have been concealed over the centuries and that are now, in some way, being exposed.

Keywords: *Freud. Culture. Spectra of the Unconscious. Heresy. Heritage; Achievement.*

Os espectros do inconsciente e os espectros da psicanálise

Jurandir Freire Costa

Espectros da psicanálise é uma expressão que tenta se debruçar sobre o estado da arte da teoria e da prática psicanalíticas. Elegemos os espectros do inconsciente como uma dimensão dos espectros da psicanálise que merece ser discutida, mas que poderia ser, igualmente, espectros da pulsão, das instâncias, das defesas ou quaisquer outras. Resolvi abordar os espectros do inconsciente, porque a noção de inconsciente vem sendo, atualmente, revista de modo bastante radical. Nos últimos 20 ou 30 anos, a ideia do inconsciente como sinônimo do *recalcado* ou de *fluxo pulsional* aquém ou além da sua inscrição significativa foi teoricamente sacudida pela questão dos traumas, das identidades subalternizadas e da crítica à colonização eurocêntrica da teoria freudiana.

A psicanálise, pelo menos como muitos de nós a vemos aqui no Círculo, tomou para si a tarefa de enfrentar o dilema, com a ajuda de outros pares. É aqui que entra o convite feito a Pedro Heliodoro. Pedro, ao lado de Gilson Ianini e outros, vem fazendo um trabalho formidável de tradução de Freud para o português brasileiro. A maioria de nós o conhece pela qualidade excepcional deste trabalho. Pela primeira vez no Brasil – salvo algumas notáveis exceções como o trabalho de Luis Hans, que, infelizmente, não teve continuidade – Freud é traduzido com o rigor e a elegância que merece. Pedro, Gilson e outros que trabalham com ele, mostram, assim que a cultura psicanalítica brasileira atingiu aquele ponto de maturidade no qual o projeto de tradução de Freud se torna factível. Isto dito, paro por aqui, porque sei que elogio de corpo presente pode ser embaraçoso para o elogiado. Não sem antes reafirmar, uma vez mais, a admiração que eu e outros colegas temos por Pedro e Gilson.

Pois bem, para dar um pontapé inicial na conversa sobre os espectros do inconsciente, pensei em recapitular, quase de improviso, alguns marcos importantes na trajetória do conceito. Estes marcos refletem a dialética entre a psicanálise e a cultura de seu tempo.

O primeiro marco corresponde ao momento anterior à *Interpretação do sonho*. O inconsciente é visto como uma espécie de segunda consciência. Uma subestrutura mental sem nenhuma característica própria; como uma consciência esquecida, uma consciência vinda de uma divisão quase neurológica como era proposto da neurologia francesa e alemã da época.

O *segundo marco* corresponde às elaborações teóricas feitas entre, mais ou menos, 1900 a 1915. Freud diz: não, o inconsciente não é simplesmente uma qualidade do fato psíquico; ele é qualquer coisa com características particulares. É uma cena na qual há personagens e projetos intencionais com realização e frustração. Esse inconsciente, portanto, é sistêmico. Ele possui expressividade e linguagem próprias. Por exemplo, o inconsciente, pode até ser “consciente”, mas esta consciência do inconsciente é distinta da consciência originada na percepção natural. Quando sonho, sou consciente daquilo com que sonho, mas não confundo meu sonho com percepções que tenho no estado vigil. A consciência onírica não é idêntica à consciência que surge da percepção natural. O que existe no sonho é uma representação com regras próprias: processo primário; condensação; deslocamento; deslizamento, dramatização, enfim, todos os processos que, depois de Lacan, passamos a resumir nas denominações de metáfora e metonímia.

A linguagem onírica inconsciente, mostrou Freud, se caracteriza basicamente pela capacidade que tem a psique de representar e de ter consciência da representação, mas ao mesmo tempo desativar os processos motores que podiam levar o psiquismo a agir, a passar ao ato. Por exemplo, sonhar com um microfone é diferente de ver um microfone, pois, ao ver um microfone no estado de vigília estou com todo o equipamento sensório-motor pronto para vocalizar, para usar o microfone de acordo com as propriedades desse artefato tecnológico de amplificação da voz. No sonho, ao contrário, ativo toda a memória da disposição sensorial para agir, mas desativo o esquema motor que permitiria o surgimento da ação. A razão, segundo Freud, é a de que precisamos proteger o sono.

Em suma o inconsciente regido pelo princípio do prazer e pelo processo primário era um sistema diverso do sistema psíquico consciente, regido pelo processo secundário e pelo princípio de realidade. A isto chamamos de inconsciente tópico.

O *terceiro marco* ocorre quando há uma virada nessa concepção. A mudança ocorre em “*Para introduzir o narcisismo*”. Neste estudo, o Eu que se encarregava de recalcar a pulsão sexual em nome da pulsão egoica ou de autopreservação é sexualizado. Ou seja, o que explicava a montagem onírica ou dos sintomas neuróticos era independência do Eu em relação à pulsão sexual. Uma vez sexualizado, o Eu passa a se exprimir conforme o movimento espontâneo da pulsão, isto é, a tendência à descarga. Sendo assim, ele perde a capacidade de recalcar o pulsional, posto que também passa a ser regido

pelo princípio do prazer. Sua função não é mais a de censurar as moções libidinais, mas reter o aporte libidinal que garantiria a existência e a permanência de sua forma.

A mudança exigiu um esforço enorme de Freud para lidar com as incongruências da nova metapsicologia. Passando, sobretudo, pela “*Psicologia das massas e análise do Eu*” e pelo “*O Eu e o Isso*” trata-se de redefinir o inconsciente, posto que ele deixou de ser a rede de representações sexuais recalcadas por força das exigências da pulsão egoica, do princípio de realidade, da pulsão de sobrevivência ou de autoconservação.

O *quarto marco* tem início nesta etapa teórica. Se o inconsciente não é mais simplesmente o conjunto de representações recalcadas das moções sexuais proibidas, o que poderia vir a ser? Freud passa a sustentar a hipótese de que o cerne do conflito não é mais entre a pulsão e o Eu, mas entre as instâncias! Eu, Isso, Supereu, Ideal do Eu, Eu ideal, cada uma delas exprimindo um lado consciente e outro inconsciente.

Entretanto, que qualidade inconsciente é essa do Eu, do Isso, do Supereu, do Ideal do Eu ou do Eu Ideal. Nessa linha de interrogação, Freud chega a perguntar, como em uma de suas últimas conferências, a conferência 31: o que posso dizer? *O inconsciente voltou a ser descritivo?* Tenho que descrever o inconsciente por suas qualidades e não pelo modo topológico, sistêmico, como ele se organiza?

Penso que, a partir daí, a posteridade analítica passou a adotar um uso teórico impreciso, gelatinoso, do termo inconsciente. A ideia do conflito entre as instâncias, na psicanálise anglo-americana especialmente, começou a concentrar a investigação sobre o problema do narcisismo. As grandes questões passaram a girar em torno do conflito entre narcisismo do Eu versus narcisismo do objeto; do déficit de investimento narcísico; da megalomania narcísica; da idealização narcísica do objeto e assim por diante.

Esse tema, com exceção do kleinismo, tomou toda a psicanálise e o apogeu do interesse por ele ocorreu nos anos 60/70 com a teoria dos quadros *borderline*, a teoria das patologias narcísicas do Otto Kernberg e de Heinz Kohut. O problema do narcisismo monopolizou a atenção da comunidade analítica, alcançando o ponto no qual era inevitável chegar. Dos sintomas narcísicos chegou-se à “personalidade narcísica”. Como uma espécie de contrapartida cultural dos anos pós-Segunda Guerra ao estudo de Karen Horney sobre a “personalidade neurótica”, a personalidade narcísica era um espelho subjetivo das mudanças culturais produzidas pela sociedade americana de massa, consumo e entretenimento.

Em sintonia com críticos culturais como Christopher Lasch que sustenta a ideia do “*pai ausente*” em “*A cultura do narcisismo*”, outros cientistas sociais e analistas se referiam ao mundo interior do sujeito como sendo dominado por uma insatisfação vaga e difusa com a vida; por um sentimento amorfo de falta de propósito e de futilidade; por uma pobreza onírica importante; por uma pobreza de associações livres igualmente relevante e, enfim, por uma pobreza de sentimentos transferenciais comprometedora do processo psicanalítico.

Na verdade, os estudos sobre o tema do narcisismo tiveram origem nos anos 50-60, e os dois grandes pensadores do assunto foram Philip Rieff e Marcuse. Nos anos 50, eles definiram as regras do que posteriormente serão os grandes estudos sobre a subjetividade contemporânea, qualquer que seja a definição do termo subjetivação. No mesmo período de Christopher Lasch, veio o estudo magistral de Richard Sennett sobre o declínio do homem público, e em seguida os trabalhos dos franceses sociólogos e analistas sobre o mesmo assunto: Alain Ehrenberg, Jean-Pierre Lebrun, Charles Melman, Dany Dufour e tantos outros. No Brasil, isso foi retomado com brilhantismo pelo LATESFIP em São Paulo e, aqui no Rio, por um grupo de colegas que trabalham em colaboração com Joel Birman.

Seja como for, do estrito ponto de vista da clínica psicanalítica, esta corrente de ideias chegou com bastante atraso na *França*, com o nome *de estados limites, falso analisando, personalidade como se*, semblante ou, com a retomada de Winnicott, *falso self*.

No Brasil, a pátria mãe psicanálise estava distraída nas transações narcísicas, quando foi atropelada pelo tsunami das teses sobre traumas reais de ordem pessoal ou cultural. A questão das identidades subalternizadas e da grade decolonial de análise do eurocentrismo intelectual dos saberes narrativos atingiu em cheio a psicanálise.

O impulso para essa produção teórica inédita no âmbito da psicanálise veio, em grande parte, da universidade Americana. Os estudiosos, militantes e clínicos perguntaram se além dos casos *borderline* de natureza narcísica não havia outras esferas da vida subjetiva igualmente submetidas a traumas e conflitos merecedores de atenção. A pergunta trouxe de volta com toda força ao cenário analítico, o pensamento de Ferenczi. Há cerca de 30 anos, Ferenczi era citado aqui e ali. Mal se sabia como pronunciar seu nome. Com a emergência da crítica ao eurocentrismo psicanalítico e a revalorização do papel da violência real na gênese do trauma, Ferenczi tornou-se a grande referência para estudiosos do assunto.

De modo breve, Ferenczi dizia que existe um trauma real provocado por um adulto perverso. Trauma não é apenas uma fantasia subjetiva, como acreditava Freud em sua teoria sobre a gênese do traumatismo neurótico de natureza edípica. Ao trazer a discussão para esse plano, ele criou uma série de noções que davam coerência à tese: *a criança não desejada e o instinto de morte, a análise da criança na análise do adulto, linguagem da paixão, linguagem da ternura*.

Acontece que tudo isso pressupunha um acordo de todos em admitir que havia um inconsciente cuja natureza e função todos conheciam de maneira tácita. Na verdade, em Ferenczi a noção de inconsciente é pressuposta e não descrita em função de suas construções clínicas. O que é que permanece inconsciente no trauma ferencziano? É o primeiro estímulo indiferenciado, sem inscrição? Ou o desmentido de quem desautoriza a percepção da criança abusada? No primeiro caso, o que significa “estímulo inconsciente”? Existe teoria sobre a inscrição inconsciente de eventos econômicos, quantitativos, em psicanálise? No segundo caso, o que é que fica inscrito para funcionar como motor do trauma? A frase, palavra ou explicação mentirosa que é dada pelo adulto cúmplice do abuso? Ou o que permanece inconsciente é seu comportamento ambivalente, ambíguo, contraditório, errático? Será, repito, que devemos continuar a usar a palavra inconsciente como o vizinho de porta, absolutamente leigo, a utiliza?

Aqui, surge o *quinto marco* da teoria psicanalítica sobre o inconsciente. De fato, a ideia de um *inconsciente pré-representacional*, foi imaginada pelo próprio Freud, antes da teoria de Ferenczi. Depois de “*Além do princípio do prazer*” a questão do inconsciente voltou a inquietar Freud. A tese sobre o narcisismo não resolvia três aspectos fundamentais das neuroses de guerra ou neuroses traumáticas: a angústia automática, com a característica de dor; a compulsão à repetição que não resultava em elaboração e o caráter real do trauma que resultava numa fratura do Eu.

Todos esses elementos pareciam pôr em xeque a concepção do inconsciente como recalque do sexual, mas nenhum deles mostrava como o aparelho psíquico regulava sua homeostase e como experiências não conscientes influenciavam as condutas afetivas dos sujeitos.

A interrogação, a meu ver, recebeu uma primeira possibilidade de resposta, no que considero sua última tese metapsicológica, *Inibição, sintoma e angústia*. Este, reitero, é o *quinto marco* de uma possível descrição renovada do inconsciente, segundo Freud. Em *Inibição, sintoma e angústia* ele propõe

a hipótese de um estado mental original caracterizado pela experiência do desamparo nascida da angústia de separação da mãe. Este estado seria um estado pré-edípico de organização do psiquismo. Em consequência, não possuiria a *gestalt* de uma rede de significantes destinada a recalcar as moções libidinais proibidas. Seria uma organização que não resultaria em organização com os constituintes encontrados nos sintomas e formações subjetivas neuróticas.

A descrição da gênese do psiquismo analisa uma etapa da constituição psíquica anterior ao Édipo. Nesta etapa, indeterminada por natureza, tudo está para se construir como ação específica. Ação específica é uma noção desenhada por Freud em “*Projeto de uma psicologia*” (1895). No ensaio, ao se referir à satisfação das necessidades vitais do recém-nascido, ele diz que tais necessidades são satisfeitas por um mecanismo que só é ativado com a ajuda exterior, a ajuda alheia ou do *humano ao lado* [*Nebenmensch*]. Esses mecanismos são ações específicas que só são postas em marcha com o auxílio do outro ao lado, do Próximo.

É nesse momento teórico, portanto, que pode ocorrer o desamparo e o trauma. A pergunta é: algo inconsciente pode permanecer como traço dessa experiência? Que tipo de registro pode haver neste momento genético original capaz de deixar marcas inconscientes? O que resta dessas primeiras ações específicas, no começo da formação da subjetividade e do desejo? Seria um inconsciente da ordem do real, da ordem pulsional ou de uma pura e simples discriminação entre o vivo e o não vivo?

Esta cena é a que sugiro ser chamada de cena do “*complexo do Próximo*”, por contraste com a cena neurótica do “*complexo de Édipo*”. A exploração dessa área caminha na direção do que Balint e Winnicott descreveram como os primeiros momentos, os ambientes originários nos quais podem surgir medo do colapso, da perda da continuidade da existência ou, então, a experiência da *falta básica*. Esse vocabulário de Ferenczi, Winnicott e Balint pode ser enriquecido por adendos atuais.

Na busca de uma conceituação não completamente capturada pela experiência do sujeito eurocêntrico, em qualquer de suas apresentações fenomênicas, alguns analistas estão propondo novos termos capazes de significar o que escapava à descrição metapsicológica canônica.

Dou alguns exemplos. Um deles é o de Thamy Ayouch, que afirma a existência de um inconsciente racial ao lado do sexual. Existe um sexual infantil e um racial infantil. O inconsciente racial está lá, implantado, desde o início. Ele

surge na esteira da falência ou da presença satisfatória do outro ao lado, do Próximo. Ali onde o Próximo se apresenta, o trauma não pode advir.

Da mesma maneira, outros autores tentam estar atentos a novos complexos emocionais, a novas cenas de interação que podem se dar no nível do complexo do Próximo. Um deles é Adam Phillips. Na leitura que Phillips faz desses estados iniciais, ele recupera a noção de *ternura* em Ferenczi e começa a falar de um sentimento que ele chama de *delicadeza*. Delicadeza não é um vocabulário da gramática analítica. Ele, no entanto, cria o termo delicadeza como pertencendo a uma metapsicologia ou fenomenologia do ser que é extraída da transferência. Como Freud, ele diz que, no ato transferencial, se tivermos delicadeza, escutamos, não interferimos, não brutalizamos, e esse ato de acolhimento permite que a pessoa seja criativa. É muito próximo de Winnicott – Phillips é winnicottiano –, mas o fato é que os desdobramentos disso já começam a surgir.

Entre nós, por exemplo, os últimos trabalhos da Tereza Pinheiro já mostram o uso clínico-teórico da ideia. Tereza usa a ideia de delicadeza para mostrar como esse tipo de atenção é escasso no momento em que o tempo se acelera e a prática da interioridade subjetiva diminui de tal maneira que já não se tem tempo de ser delicado. Ora, é justamente essa atenção prestada ao outro que o respeita e reconhece naquilo que é sua singularidade.

Já começam a surgir também na esfera do complexo *do Próximo*, maneiras diversas de ver o que nessa região psíquica e que pode ser articulado, de maneira transitória ou mais duradoura, como algo da ordem do inconsciente. Bollas fala de estrutura afetiva, o que parece um contrassenso do ponto de vista psicanalítico, já que a estrutura é sobre representação, sobre o significante. Ele, entretanto, se refere à modulação de comportamentos, ou seja, de expressões sensório-motoras não verbais.

É um universo no qual surgem novas ideias e práticas. E foi levando em conta essa abertura, essas indecisões, essas hesitações que resolvemos convidar colegas que sabemos que podem acrescentar muita coisa ao que é fundamental para a psicanálise. Pedro é um deles. É um prazer escutá-lo. Obrigado pela presença entre nós.

Herança e Emancipação

Pedro Heliodoro

Muito obrigado Jurandir, que satisfação, que honra estar aqui ao seu lado. Queria começar agradecendo demais ao pessoal do Círculo, sobretudo à Cláudia que fez mais um contato comigo para o convite. E é uma grande satisfação aqui, confesso que estava até um pouco sem jeito diante desse gigante da psicanálise brasileira, ouvir essas palavras assim, é uma lisonja embaraçosa.

Mas, sobretudo, eu estava até falando com a Sabrina, a gente entrou no curso de psicologia juntos e, na época, como já me chamava atenção, minha primeira intuição é que eu vou gostar dessa coisa de psicologia social. Eu nem sabia o que era psicanálise e me lembro de que os textos do Jurandir que me chegavam à época justamente falavam da relação de psicanálise e sociedade.

Pensar que tantos anos depois a gente tá aqui juntos para discutir essa questão de como a psicanálise responde ou se ela pode responder, como se posiciona diante das questões da atualidade, diante do que que é esse Brasil, passado o primeiro quarto do século 21, sobretudo, eu digo isso depois desse claro interesse revitalizado que a psicanálise teve a partir da pandemia.

Me lembro muito bem que quando entrei num curso de psicologia, a psicanálise não era o primo pobre, era o primo rico, na verdade, porque era aquela coisa de burguês que só muito pouca gente tem acesso àquilo. Me lembro que a psicanálise era até desdenhada como uma coisa reacionária de direita e, interessante, a gente vê com o passar do tempo a psicanálise foi, de novo, conversando muito mais com o campo progressista, foi uma coisa a que a gente assistiu, por exemplo, em 2022, a psicanálise se articulando de maneira muito clara do ponto de vista político em defesa da democracia, no Brasil. Ficou muito claro isso, e essas alianças que a psicanálise acaba estabelecendo também – e em grande medida com esses gestos políticos – eu acho que a minha ideia é trazer como isso estava desde a primeira hora com um Freud que dá vez e voz a toda uma comunidade de mulheres silenciadas da sua época, como que a gente de alguma maneira teria uma responsabilidade hoje de se posicionar diante dessas subjetividades subalternizadas? O que é isso que a psicanálise tem essa responsabilidade e junto com essa responsabilidade, também não cair na ingenuidade das boas intenções? A gente saber muito bem e entender quais são os limites de negociação entre a teoria e a militância, como é que a psicanálise que se constrói a partir do paradigma das identificações, como é que ela

conversa hoje com os campos que defendem o identitarismo. Muitas vezes até com com interesses – a gente poderia dizer – muito próximos, mas com abordagens e entendimentos muito distintos.

Eu acho que esse é o nosso grande desafio, pensando nessa ideia de Herança e Conquista, aquilo que eu quis colocar para o título, como respondemos na atualidade ao legado teórico-clínico de Freud e Lacan, é um pouco isso que é esse grande paradoxo. Como é que a gente fica fiel às bases de um entendimento, de uma proposta que surge como ruptura, como seguir fiel a uma heresia? No final das contas, é isso. Esse é o grande paradoxo, parece que a nossa responsabilidade com a psicanálise, essa coisa que parece que a psicanálise sempre vai precisar preservar sua clandestinidade na sociedade, mas ao mesmo tempo não se silenciar e se colocar, porque é uma clandestinidade escolhida.

A gente vê quando a psicanálise começa a flertar com as normatizações, ah, vamos fazer curso de graduação em psicanálise, então quem é que vai outorgar um diploma de psicanalista para alguém depois de 5/6 anos estudando teoria psicanalítica. Freud já nos advertia desde o texto sobre o ensino da psicanálise nas universidades, do “texto 19”, esse que é o único texto em que só existe uma retrotradução do húngaro – o texto alemão se perdeu. Mas o título que eu propus aqui, *Herança e Conquista*, fala justamente desse paradoxo, e que está no alfa e no ômega, praticamente, das obras psicanalíticas do Freud. Como que eu quero defender isso? Claro, a gente tem esses fundamentais textos protoanalíticos, como “sobre as afasias”, o conhecido como “o projeto de uma psicologia”, seria melhor “esboço de uma psicologia” “*Entwurf*”, mas “os estudos sobre histeria”. Esses textos são fundamentais, por isso que eu os chamo mais do que pré-psicanalíticos, protoanalíticos, porque aqueles textos que não eram, mas passam a ser *a posteriori*. E é tão interessante pensar, porque nas nossas obras incompletas, a gente começa lançando o estudo sobre as afasias que está de fora de todas as edições chamadas completas. Não existe nenhuma edição chamada completa que coloque o texto “as afasias”. Então o que estou considerando aqui alfa e ômega de obras psicanalíticas propriamente, a interpretação do sonho, que, aliás, aqui temos que fazer a divulgação da edição, o Jurandir falou do Gilson aqui. O Gilson e eu, a gente se dedicou muito a essa última edição da interpretação do sonho, não dos sonhos. Queria ressaltar aqui o trabalho editorial que o Gilson fez com os índices remissivos, foi um trabalho hercúleo ali de fato.

Mas estou falando aqui da interpretação do sonho e da última obra do Freud, que é o compêndio de psicanálise. O compêndio de psicanálise, lá quando a gente começou a conversar, o Gilson e eu, ele tinha falado da ideia

realmente de que, sobretudo depois que foi interrompido o projeto do Luiz Hanns, de como a gente estava precisando realmente encampar aqui uma proposta de tradução do Freud para o Brasil do século 21, mas que fosse feito a partir de um debate muito amadurecido de décadas de debates entre os psicanalistas brasileiros. E, de fato, também nos fazendo valer de uma constatação que talvez hoje o Brasil seja o país onde a psicanálise segue mais viva e pulsante junto talvez com a Argentina. Inegavelmente a gente tem o privilégio, mas também a responsabilidade de ter que responder a isso. Nós, comunidade psicanalítica brasileira, estávamos até numa mesa recentemente com o Christian Dunker falando que é a bola da vez. Parece que a gente sobretudo vê quando até em pontos internacionais, na Europa, nos Estados Unidos, a maior parte da plateia é de brasileiros. E muitas vezes os convidados são brasileiros, então a gente tem que também se dar conta, por um lado, desse privilégio, de romper com o nosso conhecido viralatismo, mas também de entender a responsabilidade que está envolvida nisso. Então vamos lá.

Freud abre a interpretação do sonho, a ideia dele era abrir com uma frase do livro que era o livro literário favorito de Freud, “o Fausto” de Goethe. Ele iria abrir com aquele que depois foi a virou a epígrafe dos “Três ensaios sobre a sexualidade”, que é aquela passagem do céu, passando pelo mundo até o inferno. Wilhelm Fliess dissuadiu Freud de usar isso como epígrafe, mas Freud se manteve fiel ao espírito fáustico, ele não vai pegar do “Fausto” de Goethe a epígrafe, mas ele pega da “Eneida” de Virgílio uma frase muito fáustica. Aquela em latim “*Flectere si nequeo superos, acheronta movebo*”. O que está por trás disso? Se eu não posso dobrar os poderes superiores, vou revolver o aqueronte. O que era essa representação aí dos poderes superiores, do inferno, no sentido inferior, do submundo, que o Freud está, de alguma maneira, querendo trazer ali como metáfora do gesto inaugural da psicanálise, de um verso de ruptura?

Justamente, Freud está se posicionando ali veementemente de que ele rompe com toda uma tradição da medicina patológica, levando a sério, e muito a sério aqueles tópicos de conteúdos que talvez desde a época do romantismo alemão tinham passado a ser negligenciados. O sonho, desejo, pulsão, afeto, representação, Freud encampa de fato, aí alguma coisa que certamente é tomada como herética para aquela comunidade científica da sua época. O Didier Anzieu até fala de como deve ter causado estranhamento na comunidade científica da época, quando Freud se dedica a fazer um tratado que funda uma teoria e uma prática como “a interpretação do sonho” com esse título “*Traumdeutung*”. Tá certo, a gente tem aí a melhor tradução pra “*deutung*” por interpretação, mas a palavra interpretação no português, a gente não se dá conta do

quanto que ela é polissêmica, quando a gente a traduz para outras línguas. A gente tem a interpretação do intérprete de libras, a gente tem a interpretação de um ator que interpreta um papel, a gente tem a interpretação no sentido da hermenêutica jurídica ou da hermenêutica religiosa, da exegese. Mas Freud está colocando ali na “*deutung*” aquilo que tem o mesmo étimo (sentido) da palavra “*deut*” em alemão. Tanto é que *deutschlich* é aquilo que é claro, que é compreensível, e “*deutung*” é significado, significação. Então, esse campo semântico, na verdade, causa um estranhamento, porque é alguma coisa que traz muito para o entendimento popular. E o Freud faz realmente esse pacto naquele momento, ele vai dizer, existem até aqui duas vertentes principais, uma vertente científica, cientificista, que diz que o sonho é uma espécie de um caos neurocognitivo de uma mera reorganização neuronal. E por outro lado, existem as vertentes populares que certamente por uma via mais mística, vão entender que o sonho tem, ele envolve uma produção de sentido.

Talvez a grande diferença é que o Freud começa com a “*deutung*”, não de falar de uma identificação e de um encontro do sentido, mas muito mais de uma produção de sentido. Como na interpretação do sonho, inclusive no *setting* analítico, existe isso, não é questão de você achar a verdade sobre a verdade, o desvelamento da verdade do inconsciente, não é isso. É um processo de produção de uma verdade. Acho que aí tem algo também de muito herético nesse início. Mas então estava lá essa frase de que a gente está de alguma maneira justamente abandonando esse pai caduco, digamos assim, mas a gente não está simplesmente esquecendo ou não se valendo mais dele. Então, por isso, quando eu falo aqui do legado também de Lacan, no seminário 23 o Lacan vai falar da questão do nome do pai, desse paradoxo de prescindir a condição de se servir. Então a relação entre tradição e entre herança e conquista, entre tradição e ruptura e emancipação passa por essa coisa que nos parece tão paradoxal como aparecia aqui no arrazoado, no argumento desse ano que tem uma frase ali do Derrida de que herdar é escolher. Isso parece tão contraintuitivo, mas a última citação do “Fausto” de Goethe que o Freud coloca no último livro que escreve no exílio londrino, e que é desse livro que Freud quer fazer um legado. O Freud no “compêndio de psicanálise” reúne todas as teses fundamentais dele de maneira superabreviada, claramente preocupado com o legado, o que é que eu deixo para o mundo, que essa psicanálise, no último entendimento, até a doutrina das pulsões, eu digo, ela tem três grandes momentos, os três ensaios, pulsões e seus destinos e além do princípio de prazer. Tem quase que um quarto momento aqui, quando ele vem fazer uma nova torção sobre a ideia de pulsão de morte, como a pulsão de morte, muitas vezes

sendo garantidora da vida e às vezes, como ela sendo ameaça à vida. Tem um quarto momento aqui. Mas a última citação que ele coloca aqui é justamente, do “Fausto” de Goethe: “o que herdaste de teus ancestrais, conquista para fazê-lo teu?”.

Como assim, né? Se a gente herdou, vamos pensar aqui numa herança do ponto de vista do que a gente conhece aqui. Um pai e uma mãe falecem e deixam pro filho um imóvel, o imóvel que estava lá numa escritura no nome do pai e no nome da mãe, passa a escritura estar no nome do filho, e no nome da filha.

Mas é aí que tá, quer dizer, existe alguma coisa que é imposta, existe alguma coisa que vem desse legado, mas existe uma responsabilidade de se apropriar, e ao se apropriar, fazer do nome próprio um nome comum, como Lacan coloca no seminário 23, que é também imprimir a sua marca naquilo que lhe caiu nas mãos. Porque aí parece que tem uma dupla interpretação que a gente pode ter disso. Uma coisa é nós, psicanalistas, como é que nós respondemos aqui também à herança desses pais fundadores de alguma maneira, como Freud e Lacan, como seguir fiel a esse espírito herético, mas também, como Lacan colocava, “façam como eu, não me imitem”, à nossa própria maneira.

Eu trago isso justamente para nossa maneira, do que é isso, da nossa auto-percepção do Brasil do século 21. A gente ficou durante tanto tempo discutindo os grandes autores estrangeiros. A gente foi atrás de aprender francês, inglês, alemão, espanhol para poder ler os grandes psicanalistas, mas a gente tem que lembrar que a psicanálise estava no manifesto antropofágico de 22. Estava lá Oswald de Andrade que colocava já essa ideia, já naquela época, de que nós fazemos uma antropofagia da psicanálise. De nós nos apropriarmos desse legado à nossa própria maneira. E entrando aqui a questão da antropofagia também, pensando aqui, não só em Oswald, mas ao Mário de Andrade com Macunaíma. Pensar também essa coisa, em uma oposição justamente a posição subalterna de entender a vantagem da impureza. Porque o complexo do viralatismo, que é o que vinha falando, nos colocava sempre essa ideia, é uma pena que a gente não tem essa coisa de uma tradição pura, como a gente pode pensar a tradição francesa, a tradição anglosaxã. O Brasil foi a duras penas também, entendendo essa ideia do quanto a nossa diversidade, e mais do que uma diversidade, de identificar no seio do nosso tecido social, diferentes etnias, é também entender o entrecruzamento dessas heranças e como essas heranças vão também trazendo aí um diferencial talvez inédito pra discussão sobre o próprio “o eu e o outro”. Quem é o “*demenech*”, quem é o próximo no Brasil? A gente tem a questão da infamiliaridade brasileira, isso que classicamente a gente pensa no infamiliar, o horror ao estranho, é o medo de que esse

estranho traga à tona uma faceta minha que eu deixo escondida de mim dentro de mim. Como é que é isso no Brasil, com esse tecido social tão diverso? Aí é que está, é um tecido social diverso, mas também marcado por estruturas de dominação, por estruturas de exclusão. É uma coisa que hoje vem se discutindo, você falou do Thamy Ayouch, a questão da racialidade e o inconsciente, a ideia da neurodivergência também é um outro tema que tem sido muito candente na psicanálise. A gente percebe uma preocupação também quanto à ideia de diversidade, com os novos modelos de família, e assim por diante.

Mas então pegando aqui a ideia de que a psicanálise, intencionalmente o Freud, criou também para si uma espécie de uma imago fáustica. O único registro que a gente tem da voz dele foi numa entrevista que ele deu à BBC, em 38, em que ele coloca ali, ele se coloca nessa autoapresentação, *"I had to pay heavily for this bit of good luck. People did not believe in my facts and thought my theories unsavoury. Resistance was strong and unrelenting. In the end I succeeded."*

Então essa coisa de que ele teve que pagar um preço alto por esse quinhão de sorte, essa ideia de uma resistência implacável, vejam que ele está realmente se colocando nessa ideia do herético, orgulhoso herético, daquele que se mantém infiel à sua própria heresia. Não à toa, Walter Jens escreveu um ensaio belíssimo, titulado "Freud, um Fausto judeu". A gente percebe aí que tem que ter uma série, tem uma biografia do Freud bem interessante do Schavelzon, que é "Freud, um paciente com câncer" que inclusive identifica uma coisa muito *unheimlich*, muito infamiliar. Como que a gente reconhece no primeiro laudo do doutor Hajek, que descobre o câncer de Freud no palato, a gente vê ali uma descrição infamiliaramente próxima da descrição da boca de Irma no "sonho da injeção de Irma". Lembro que no sonho da injeção de Irma ela abre a boca e descobre uma imensa mancha branca. E aqui tem a questão da leucoplaquia proliferativa, quer dizer, o Freud tem essas essas manchas muito parecidas com aquelas manchas que há na boca de Irma. Então essa questão aí que a gente vai observando o Freud tem realmente toda essa questão de mostrar, vejam, ele mesmo ou outros biógrafos, a gente constrói do Freud essa imagem daquele que pagou muito alto por ter estabelecido uma emancipação em relação a uma tradição.

Lacan, de certa forma, também vai ser alguém que vai nos aparecer e se firmar na cultura num momento muito peculiar. A gente pensa que em maio de 68, pelas estruturas, desceram às ruas, como era que os seminários de Lacan eram interrompidos, foram interrompidos em alguns momentos por aquela revolução estudantil na época também demandando reformas e rupturas.

Se a gente tinha um Freud que viveu uma época da Viena do fim do Império Austro-húngaro, daquela efervescência da secessão, dos artistas como

Klimt e Kokoschka, do movimento literário dos Jung-Wien, de Schnitzler e de Hermann Bahr, tinha claramente ali uma ideia de uma ruptura com uma tradição, digamos, uma velha ordem e uma nova ordem.

Aqui Lacan também parece que tem que se posicionar diante de uma nova posição de, principalmente, movimento de contracultura, que a gente tinha por um lado na França, a gente tinha essa revolução estudantil, a gente tinha nos Estados Unidos o movimento *hippie*, os protestos contra a guerra do Vietnã mais para frente.

Como é que a gente fica com essa questão realmente de entender o quanto a psicanálise surge de uma subversão, mas o que que existe aí de que subverter a subversão muitas vezes é a gente cair num novo dogmatismo. E esse é o grande desafio que a psicanálise tem desde Freud, a gente começa por essa fidelidade à heresia, mas quando a gente começa a criar normas, quando a gente começa a criar, sobretudo pensando aqui no modelo da IPA, que estamos criticando, criticado ali por Lacan. Essa questão de quando a gente começa a engessar o que pode ser considerado psicanálise, o que não pode, sobretudo quando a gente pensa quem pode ser o garantidor dessa fidelidade, aí a gente tem um problema, mas por outro lado também me parece hoje bastante importante e preocupante como é que a psicanálise, às vezes apressadamente, também se rende aos discursos bem intencionados da intelectualidade atual. Temos aí diálogos fundamentais, superimportantes, da psicanálise com a ideia do decolonial, da psicanálise com os estudos de gênero. Sobretudo a gente pensando aí recentemente esse debate que teve a carta do Vladimir Safatle na *Piauí* sobre o quanto a gente tem que estar atento também, por exemplo, na questão de racialidade, de não importar simplesmente o modelo norte-americano de como que ele funcionou numa sociedade tão diversa da nossa. Como que a gente também, de alguma maneira, faz jus à nossa realidade sem cair também em uma espécie de um deixa disso, de um vamos varrer a poeira para baixo do tapete. Como enfrentar a nossa realidade, mas justamente fazendo jus a ela. Bom, então eu coloco aqui, se o Derrida colocava que herdar é escolher, no seminário 23 o Lacan também colocava isso. Eu estou falando seminário 23 porque foi um tema do meu doutorado, foi o Fausto e a psicanálise, eu faço um paralelo da dinâmica fáustica com aquilo que o Lacan está propondo como fim de análise ali pela lógica do *sinthome*, pela ética do *Savoir-y-faire*. Essa ética do *savoir*, a gente pode ouvir aí uma ética do *air*, do pobre diabo como o Joyce escrevia o pai dele, esse pobre diabo, a figura mefística, porque Mefistóles não é Lúcifer, Mefistóles é um pobre diabo, é um diabo que não se leva muito a sério. E aí é que tá, esse resto do pai, pensando aí, como é que a gente, de algu-

ma maneira, se apropria dele, não com embaraço, mas fazendo jus a isso. O próprio Freud dizia que a interpretação do sonho, ele só conseguiu de fato encampar o projeto de interpretação do sonho a partir da morte do pai. E a gente observa que é ali que aparece a primeira teoria do Édipo. É ali que ele fala também de como ele via nesse pai, que foi humilhado, tem um episódio lá do gorro, que é jogado na sarjeta, e o Freud fica, na verdade, com aquilo, remoendo aquilo. Como meu pai se deixou humilhar pela condição de ser judeu, num estado tão antissemita, o antissemitismo que vem com toda a fúria a partir do nazifascismo, e que já estava ali latente desde há muito tempo. Mas então a gente percebe claramente também esse Freud querendo resgatar a dignidade do pai quando ele fala de Aníbal, das portas de Roma, quando ele está falando dessa ideia de conquistar e de não se conformar com o lugar de subalterno. A psicanálise nos traz essa lição. E eu acho que essa discussão sobre a psicanálise na atualidade, principalmente retomando aqui, se a psicanálise surge de dar voz em vez a uma comunidade silenciada, eu sempre enfatizo isso, a primeira paciente protoanalisada que não foi nem por Freud, foi por Breuer, a Anna O., Bertha Pappenheim foi um dos primeiros grandes nomes do feminismo de expressão alemã.

Então, pensando esse gesto inaugural, por mais que aos olhos atuais, a gente volte aos textos de Freud e pense que Freud tinha posicionamentos complicados em relação ao feminino e às mulheres, por outro lado, quando a gente relativiza isso na História, a psicanálise surge dessas mulheres dizendo, cala a boca e deixa eu falar, não me venha despejar esse conhecimento dessa academia tão androcêntrica. E deixa eu falar sobre isso que me habita. Freud fica ali de alguma maneira fascinado, mas também paralisado diante do que ele chamou o continente negro, esse grande enigma que representava... É, aliás, o que o Oswald de Andrade colocava no manifesto antropofágico, de que Freud passou a ouvir as mulheres. Ele é até muito otimista, na manifestação antropofágica, ele fala como se Freud tivesse decifrado.

Mas, pensando então o que seria, como que a gente atualizaria esse gesto no Brasil do século 21? O que seriam hoje não só as vozes subalternizadas, mas também aquilo que a gente pode pensar, quer dizer, discursos que de alguma maneira, também vêm mascarar o que seriam os problemas da subjetividade. A psicanálise tem sido muito convocada hoje a se posicionar sobre todo esse paradigma da neurodivergência. O que é para a psicanálise o espectro do autismo? O que é para a psicanálise o transtorno de déficit de atenção e hiperatividade, como a psicanálise conversa com aquilo que está descrito pela psiquiatria como o transtorno de ansiedade generalizada. Isso

é a mesma coisa que angústia? Não é? Aliás, falando em primeira mão aqui, a gente está muito feliz que o Jurandir vai participar da edição centenária do “inibição, sintoma e angústia” que é a nossa próxima publicação. E ali justamente a gente está no texto de apresentação discutindo isso. O que é hoje a ideia da angústia da psicanálise diante disso que tá tão difundido na cultura, como a ideia da ansiedade.

A ideia de saúde mental versus a de saúde psíquica. Como que também, às vezes, esse certo reducionismo, aquilo que é da ordem neurocognitiva mascara toda a dimensão dos afetos, da representação, do que a psicanálise nos traz desde principalmente esse texto de 26. Então agora a gente vai publicar a edição centenária, justamente.

Algumas questões que eu queria lançar aqui, como provocadoras de debate nesse sentido é como que, por exemplo, a psicanálise, como a gente está falando aqui também de exclusão, como que a psicanálise conversa com os estudos de gênero e com a diversidade, que muitas vezes insiste em trazer novas categorias? Desde a aurora da psicanálise, quando Freud fala que anatomia é destino? E na época de Freud, parecia que sim, anatomia era destino. Mas como é que a gente conversa com isso no momento onde a gente tem inclusive tecnologias do ponto de vista médico, para de uma maneira também reposicionar essa questão. Anatomia é destino de fato?

Porque o Freud colocava o fato indiscutível à sua época de que existem dois sexos, mas a teoria da bissexualidade construtiva parece que não fala simplesmente de uma ideia de que nós vamos nos identificar com um e abandonar o outro.

Mas que a gente teria assim dois sexos, mas atualizando para os números de hoje, 8 bilhões de desencontros. Todos nós estamos em alguma medida de desencontro com isso. Então, quer dizer, recentemente, achei de uma indelicadeza quando o pessoal caiu em cima de um psicanalista aqui do Rio de Janeiro que foi discutir justamente o problema da transexualidade. Como que essa questão da sexualidade que nos parece ser vendida como a ideia de sair de uma ponta e chegar na outra. A gente nunca sai de uma ponta e chega na outra, a gente sempre chega numa terceira margem. Ninguém descobre o que é ser homem, ninguém se descobre mulher, ninguém se descobre homem. A gente, de alguma maneira, tem que lidar com esse desencontro que nos constitui, agora, claro. Como colocar isso diante também de uma questão de uma militância política superválida, superimportante que está também querendo trazer uma questão de resgate de dignidade a comunidades LGBTQIAPN, enfim, eu sempre me perco um pouco nisso. Esse meu ato falho eu acho que é bem interes-

sante, porque vejam que o paradigma é a ideia de inclusão, vamos acrescentar mais e mais tipificações. Enquanto que a psicanálise trata, desde a sua aurora de dizer, espera aí, a gente nunca vai chegar na finalização disso, porque sempre é uma questão do caso a caso, sempre é um desencontro particular.

Evidentemente, do ponto de vista da organização política e militante, a gente entende que sim, aí o identitarismo tem o seu valor, ele tem sua importância. Mas como que a psicanálise conversa com isso? Essa é uma questão espinhosa, mas fundamental que a gente tem. Da mesma forma a questão da racialidade, como eu estava dizendo, que é muito diferente num paradigma norte-americano onde a ideia da ancestralidade africana está posta como se você tem alguma ancestralidade africana, você passa a ser considerado preto, se você não tem, você é considerado branco. Como é que isso, isso não pode ser importado, tal igual para o Brasil. Como que no Brasil a gente tem uma coisa fundamental, e por isso que é um debate superdelicado, mas também é importante esse que vem surgindo, sobre como é que de fato a gente tem, inevitavelmente, uma psicanálise, que avançou tanto, mas que a gente observa nos grupos, nos encontros que a gente está, como ela ainda segue excluindo. Quando a gente olha para o fenótipo, para os nossos fenótipos à nossa volta, a gente percebe que tem claramente aí alguma coisa que a psicanálise tem muito que avançar no acolhimento de uma diversidade também racial, mas como que ela também se posiciona diante dessa questão delicada, de novo, voltando à ideia da impureza. E sobretudo, colocando a ideia da impureza sob esse prisma muito mais de riqueza do que de debilidade, como o Brasil se acostumou a ver.

Acho que esse é um ponto importante de a gente estar vendo, mas assim, outra coisa aqui só pra talvez a gente ter mais tempo de conversar, mas pra finalizar, que eu acho que é também um ponto muito nevrálgico é a discussão sobre a contemporaneidade, se nós seguimos com o mesmo paradigma de estruturação social da época de Freud.

Freud pensa que no mal-estar na cultura essa ideia da incompatibilidade entre a pulsão e a norma social. A gente está falando de uma sociedade ali vitoriana, de repressão sexual onde, principalmente para as mulheres, a condição desejante, até coloco isso, quer dizer, os maridos daquelas histéricas quando viam aquela manifestação do sexual, pensavam o que que há de errado com essa mulher? Como assim uma mulher desejante?

Como é que isso fica nos tempos atuais onde a gente saiu desse lugar da maciça repressão à prática sexual e a gente colocou isso quase que num outro oposto? A ideia do imperativo da *performance*. Quer dizer, se uma mulher desejante era levada a um médico porque tinha alguma coisa de erra-

do, porque ela não estava com a sexualidade sob controle; hoje em dia, homens e mulheres vão procurar a medicina, muitas vezes em primeiro lugar, pra pensar o que que é isso de que eu não sou sexual o suficiente. A minha sexualidade claudica, a minha sexualidade falha. Então tem alguma coisa aqui que eu acho que vale a pena a gente pensar, quando eu falo aqui de sociedade da *performance*, de que a ideia da castração, muito claramente na época de Freud, era “eu não posso porque é proibido. Eu posso tudo aquilo que é permitido”, eu não posso o que é proibido. Então, quer dizer, a própria ideia da lei a partir do Édipo vinha a partir disso. Então eu reprimo o sexual, eu recalo em nome da convivência. Mas como é que é isso hoje, nessa questão, principalmente quando a gente tá fazendo de nós mesmos uma objetificação voluntária? Eu estava ontem entrando numa mesa, conversando com amigos aqui de que até recentemente o paradigma do consumo, o capitalismo, nos convencia de que a gente encontraria a completude nos *gadgets* (dispositivos eletrônicos portáteis). Até o iPhone a gente tinha essa coisa de que eu não sou feliz o suficiente porque me faltam objetos. Eu não tenho o carrão, superpotente, eu não tenho o computador de última geração, eu não tenho isso, aquilo. Mas como é que desde o paradigma, principalmente das redes sociais como o Instagram, onde a gente se anuncia como objeto e principalmente os aplicativos de paquera mais ainda, que coloca essa verdadeira vitrine, começa a colocar essa ideia também de que nós temos que performar para de alguma maneira também sermos valorizados como objeto desejável ao outro.

A gente começa a investir cada vez mais em tecnologias de modificação corporal, implante capilar, prótese mamária ou extração ou isso ou aquilo, *mounjaro* e todas as questões da modelação de um corpo ideal, de uma *performance* ideal, e parece que hoje a ideia do eu não posso deixa de ser eu não posso porque é proibido, é eu não posso porque não consigo. A psicanálise que se funda sobre o paradigma da culpa de repente, parece que tem que enfrentar hoje o paradigma da vergonha. Quando Freud diz que a estrutura a gente poderia pensar predominante na sociedade era o modelo neurótico, em que medida isso segue sendo verdade? Ou com a mesma força ou com a mesma clareza que na época de Freud, quando a gente tem aí também isso que nos leva às bordas da perversão e da psicose também enquanto sociedade. Nesse sentido dos corpos irreais, das performances irreais. A própria ideia aqui também, só pra concluir, que a Roudinesco coloca isso, de que parece que o Freud, de alguma maneira, naquele momento, responde a uma concepção do homem comportamental, daquele homem que, sobretudo depois da revolução industrial quando começa a psicologia científica, vir responder muito ao paradig-

ma da máquina. Tem essa coisa de como é que funciona o homem? A ideia de estrutura em função, quando a gente pega o laboratório de Wundt, quando a gente pega os primeiros experimentos psicofísicos. Freud vem relançar a dimensão trágica com o Édipo, com o mito de narciso, nos retoma essa dimensão do trágico, de como não somos iguais a nós mesmos, não somos senhores na nossa própria morada, como nós somos complexos por sermos seres desejantes.

Mas eu diria que a gente também hoje flerta com um outro modelo de ser humano que não é mais, eu coloquei aqui como o MEI, o sujeito CEO de MEI. Quer dizer, essa ideia de fazer de si o homem empresa, esse homem que é colocado justamente na engrenagem do capitalismo também como alguma coisa que vem mais responder às demandas de um ideal. Isso também entra nessa questão da *performance*, que pode ser a *performance* física, a *performance* intelectual, a *performance* estética, e assim por diante. Teriam outras coisas aqui, mas eu acho que pra gente ter um tempo também de conversar, foram algumas questões que eu trouxe aqui um pouco pra provocar realmente. Evidentemente não tenho aqui ambição de que a gente encontre respostas pra elas, mas parece importante a gente colocar o dedo em algumas feridas abertas pelos nossos tempos e ver como é que a psicanálise, justamente se mantendo fiel à sua heresia, ela conversa de maneira responsável com demandas sociais tão candentes, com questões que foram encobertas ao longo dos séculos, durante tanto tempo e que hoje são de alguma maneira descortinados.

É um pouco nesse sentido que eu quis trazer essa fala pra gente poder conversar um pouco, obrigado.

Tramitação

Recebido 01/06/2026

Aprovado 16/06/2026